

# CORONAVÍRUS NAS FAVELAS:

A Desigualdade e o Racismo  
sem Máscaras



## **SUPERVISÃO**

Julita Lemgruber

Rebeca Lerer

## **COORDENAÇÃO DE PESQUISA**

Jéssica Souto

Karina Donaria

Thaynara Santos

## **PESQUISA**

Aristênio Gomes

André Galdino

Sabrina Martina

Raull Santiago

Ricardo Fernandes

## **ESTATÍSTICA**

Andreia Cidade Marinho

## **TEXTO**

Paula Napolião

### **REALIZAÇÃO**

**MOVIMENTOS**  
DROGAS • JUVENTUDE • FAVELA

### **APOIO**

**cesec**  
Centro de Estudos de Segurança e Cidadania

INSTITUTO GALILEU DA MANHÃ

 **OPEN SOCIETY  
FOUNDATIONS**

# SUMÁRIO

CORONAVÍRUS NAS FAVELAS:  
A NOVA FACE DA POLÍTICA DE MORTE ..... 4

**INTRODUÇÃO** ..... 6

**VIOLÊNCIA** ..... 10

COVID NAS FAVELAS:  
A NECROPOLÍTICA EM AÇÃO ..... 10

SOBREVIVER AO VÍRUS E AOS TIROS:  
O VIOLENTO COTIDIANO DA  
FAVELA NA PANDEMIA ..... 12

OUTRAS FACES DA VIOLÊNCIA ..... 16

**SAÚDE** ..... 18

DROGAS E PANDEMIA ..... 18

SAÚDE MENTAL NA PANDEMIA:  
OUTRAS FACES DA NECROPOLÍTICA ..... 20

O ACESSO À SAÚDE E A  
COVID-19 NAS FAVELAS ..... 24

**FRONT** ..... 26

DESEMPREGO E AUXÍLIO  
EMERGENCIAL ..... 26

**CONCLUSÃO** ..... 29

# CORONAVÍRUS NAS FAVELAS: A NOVA FACE DA POLÍTICA DE MORTE

A pandemia da Covid-19 atingiu o mundo em 2020 de forma devastadora e continua crescendo exponencialmente aqui no Brasil. As ações dos governos federal, estadual e municipal no enfrentamento do coronavírus, se mostraram falhas e não atenderam as necessidades específicas das favelas e periferias. Somente no Rio de Janeiro, as mortes causadas por coronavírus nas favelas supera a de 132 países inteiros. Nesse contexto, o Movimentos, coletivo formado por jovens de várias favelas e periferias do Rio de Janeiro, se mobilizou para demonstrar de que maneira a desigualdade e o racismo, através de ferramentas como a guerra às drogas,

acentuam os efeitos de crises globais  
como a pandemia de covid-19 em três  
favelas da cidade do Rio de Janeiro -  
Complexo do Alemão, Complexo da Maré  
e Cidade de Deus - analisando os eixos  
de Violência, Saúde e Front.



# INTRODUÇÃO

Em 7 de janeiro de 2020, as autoridades chinesas confirmaram que haviam detectado um novo tipo de coronavírus que não havia sido identificado antes em seres humanos, SARS-CoV-2, causador da Covid-19. O primeiro caso no estado do Rio de Janeiro foi registrado em 17 de março. Desde então, o estado tem se mantido em segundo lugar no ranking de taxa de mortes por coronavírus no Brasil, com quase 200 mortes por 100 mil habitantes.



2º lugar no  
ranking de taxa  
de mortes por  
coronavírus  
no Brasil

## LINHA DO TEMPO – COVID-19

**7 JAN 2020**

Confirmação da  
Covid-19 na China

**23 JAN 2020**

Lockdown na  
cidade de Wuhan  
na China

**26 FEV 2020**

Primeiro caso de  
Covid-19 no Brasil

**11 MAR 2020**

OMS declara  
pandemia

**17 MAR 2020**

Primeiro caso  
registrado no estado  
do Rio de Janeiro

**9 MAI 2020**

**10 mil mortos** por  
Covid-19 no país

**25 JUL 2020**

Pico da primeira onda  
de contaminação

**8 AGO 2020**

**100 mil mortos**  
por Covid-19  
no país

**15 NOV 2020**

Segunda onda de  
contaminações

**1 FEV 2021**

Início da vacinação  
contra Covid no  
Rio de Janeiro

**19 JUN 2021**

**500 mil mortos** por  
Covid-19 no país

Com a falta de políticas públicas e a omissão do estado em criar um plano de combate ao coronavírus nas favelas, coletivos, ONGs, e novas frentes de solidariedade se organizaram em campanhas de arrecadação e distribuição de cestas básicas e kits de higiene nas favelas. Essas iniciativas fizeram (e continuam fazendo) a diferença na vida de dezenas de milhares de famílias, assumindo um papel que deveria ser do Estado.





Frente a tudo isso, o adoecimento psicológico e os transtornos sofridos por uma população que enfrenta diariamente vários tipos de violências também tem se mostrado crescente, assim como a necessidade de utilizar substâncias entorpecentes, sejam elas lícitas ou ilícitas.

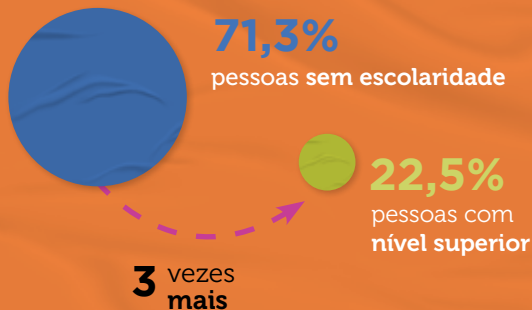
## COVID NAS FAVELAS: A NECROPOLÍTICA EM AÇÃO

A primeira morte por covid no Rio de Janeiro escancara as desigualdades históricas presentes em uma sociedade. Deia\* era uma mulher negra de 63 anos que morreu ao contrair a doença de sua patroa. A mesma suspeitava estar com a doença, mas fez com que Deia\* fosse trabalhar mesmo assim. O caso de Deia se assemelha ao de milhares de trabalhadores domésticos e de outros serviços que foram expostos à doença de forma criminosa.

O filósofo camaronês, Achille Mbembe, chama de necropolítica o poder de decidir quem pode viver e quem deve morrer. Deia, preta e pobre, poderia morrer, mas a sua patroa, branca e rica, não. Apesar de Mbembe não ter baseado seu conceito a partir da realidade brasileira, as semelhanças com o que vivemos no país são imensas.

\*Nome fictício

## MORTES CAUSADAS PELA COVID-19



DIFERENÇAS  
DE IDADE,  
LOCAL ONDE  
MORA E RENDA,  
REFLETEM AS  
DIFERENÇAS  
NO NÚMERO DE  
MORTES ENTRE  
OS GRUPOS  
SOCIAIS

80,4%

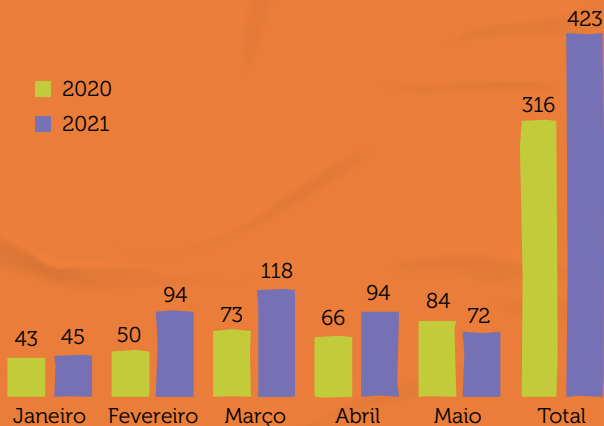


# SOBREVIVER AO VÍRUS E AOS TIROS: O VIOLENTO COTIDIANO DA FAVELA NA PANDEMIA

Durante a pandemia, a guerra às drogas não parou. Em março de 2020, houve diminuição no número de operações realizadas pela polícia fluminense em relação ao mesmo período de 2019. Essa tendência, no entanto, não se sustentou; em abril, as operações aumentaram e superaram os números de 2019.

O combate ao tráfico de drogas voltou ao centro das atuações da polícia e as mortes causadas pela polícia também aumentaram em 58%.

## INDICADORES DE OPERAÇÕES



Fonte: Dados da Rede de Observatórios de Segurança



# 58%

de aumento  
da letalidade  
policial

Com o aumento da violência, movimentos sociais e a sociedade civil organizaram-se para tentar frear as operações durante a pandemia. Em um grande esforço conjunto, conseguiram pautar o tema no Supremo Tribunal Federal, que decidiu em junho de 2020 pela suspensão de incursões policiais em favelas durante a pandemia de covid-19. Com algum impacto inicial, depois de alguns meses, a decisão foi esvaziada. Mais uma vez, a política de segurança do Rio de Janeiro mostrou seu verdadeiro objetivo: decidir quem vive e quem morre.

Moradores do Complexo do Alemão, Maré e Cidade de Deus foram bastante afetados por essas operações militarizadas que chegaram a interromper a distribuição de cestas básicas por parte de movimentos sociais para a população, mesmo após a suspensão determinada pelo STF.



**83%**

responderam ter  
ouvido tiros em suas  
favelas durante a  
pandemia

**69%**

presenciaram  
ou souberam de  
operações policiais  
na favela



# OUTRAS FACES DA VIOLÊNCIA

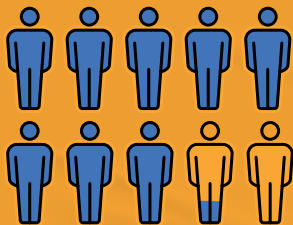
A pandemia também aumentou os casos de violência doméstica. Nas favelas aqui consideradas, a percepção das pessoas é de que a violência doméstica aumentou (73,8%) na pandemia. Parte das pessoas afirmou sofrer violência física também mostrou desejo de experimentar novas substâncias durante a pandemia.

Uma outra face da violência é a racial, que atinge grande parte dos moradores de favela. O racismo deixa marcas não só físicas, mas pode levar ao desenvolvimento de transtornos psicológicos como o transtorno de estresse pós-traumático.



# 73,8%

de aumento da  
violência doméstica  
na pandemia, na  
percepção das  
pessoas



# 82%

das pessoas que  
sofreram racismo  
durante a pandemia  
expressaram o desejo  
de experimentar  
novas substâncias

# 63%

daqueles que  
sofreram racismo  
na pandemia  
apresentam algum  
nível de depressão



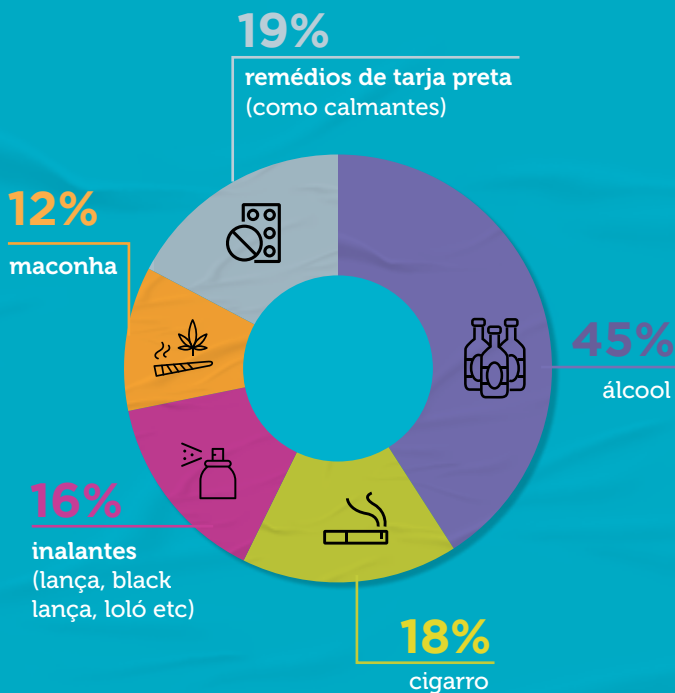
## DROGAS E PANDEMIA

Em um contexto de isolamento, desemprego, fome e insegurança, não é surpresa que as pessoas façam uso de substâncias que amenizam, mesmo que momentaneamente, suas apreensões e angústias. No caso dos moradores aqui considerados, 62% expressou vontade de experimentar alguma substância durante a pandemia.

Bastante comentado em jornais e televisão, o consumo de substâncias durante a pandemia cresceu. Nas três favelas pesquisadas, 37% afirmaram ter aumentado seu consumo.

Apesar de substâncias como cocaína, crack e maconha serem as mais faladas quando o assunto são drogas, elas não foram as mais presentes nas respostas dos entrevistados.

## DROGAS MAIS PRESENTES



# SAÚDE MENTAL NA PANDEMIA: OUTRAS FACES DA NECROPOLÍTICA

Num contexto de violações e desigualdades em que vivem os moradores de favelas e periferias, a saúde mental é frequentemente posta de lado na lista de prioridades. Além da falta de acesso à informação e serviços de atendimento à saúde mental gratuito, os moradores ainda são expostos a uma rotina de violência, seja ela simbólica - através da negação de direitos básicos - ou física - tiroteios e violência policial. Essas situações geram altos níveis de estresse, angústia e desânimo. A realidade é que apesar de silenciosos, os transtornos mentais estão presentes e são acentuados por marcadores sociais de raça, classe e gênero.

# ANSIEDADE

INSÔNIA TRISTEZA  
MEDO/ PALPITAÇÃO  
PÂNICO DEPRESSÃO  
CANSAÇO  
PENSAMENTOS  
NEGATIVOS  
DESÂNIMO DORES  
AGONIA/GASTURA

Grande parte das pessoas ainda pontua sentir dificuldades para dormir: 76% afirmaram já ter sentido um pouco, mediana, muita ou extrema dificuldade para pegar no sono durante a pandemia. Além disso, 388 pessoas afirmaram sentir algum nível de depressão (43,1%). O perfil de moradores mais atingidos pela depressão é o de mulheres entre 30 e 39 anos. Entretanto, 80,9% dos respondentes afirmaram ter pelo menos um pouco de tristeza e 53,6% afirmaram sentir de maneira mediana a extrema esse sentimento.

É importante ter atenção ao fato de que a presença de muitos dos sentimentos apontados pelos moradores durante a pesquisa pode, em conjunto, significar a existência de transtornos mentais.



# 76%

afirmaram já ter sentido um pouco, mediana, muita ou extrema dificuldade para pegar no sono durante a pandemia



# 43,1%

dos entrevistados afirmaram sentir algum nível de depressão

Perfil de moradores mais acometido pelo transtorno é o de



**MULHERES  
DE 30 A 39 ANOS**

## O ACESSO À SAÚDE E A COVID-19 NAS FAVELAS

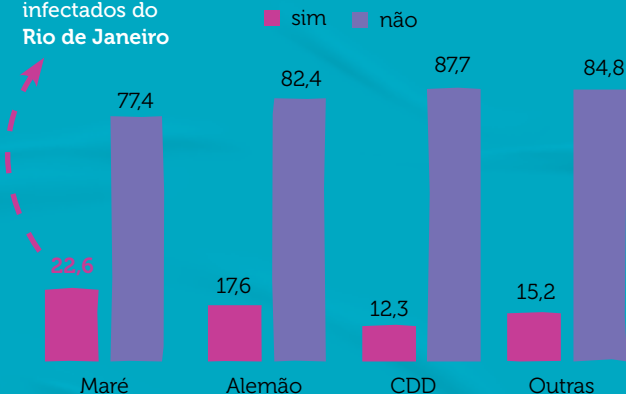
Na data em que foi realizada a pesquisa, a cidade do Rio de Janeiro registrou em torno de 18% de sua população infectada. Dentre as favelas pesquisadas, o Complexo da Maré, com 22,6 %, tem um percentual maior que a média de infectados do Rio de Janeiro.

Dos 159 que afirmaram ter pego o vírus, 56% apontaram não ter conseguido fazer o isolamento social. Mais da metade das pessoas (55%) afirmaram morar com indivíduos pertencentes ao grupo de risco. A grande maioria conhece alguém que pegou (93%) ou morreu (73%) de covid.



## COVID-19 NAS FAVELAS

percentual maior  
que a média de  
infectados do  
Rio de Janeiro



Devido ao precário acesso a equipamentos de saúde e ao baixo número de testes disponíveis na rede pública, apenas



# 24%

das pessoas  
afirmaram ter feito  
o teste de covid



## DESEMPREGO E AUXÍLIO EMERGENCIAL

Nas favelas pesquisadas, 67% dos respondentes afirmaram se identificar com o gênero feminino; 32% com o masculino e apenas 0.1% como homem transgênero. A maioria dos entrevistados (79%) se encontra na faixa etária de 15 a 39 anos. Além disso, 78% se autodeclara pardo ou preto, proporção que ultrapassa em 24% o percentual de autodeclarados pretos e pardos na população fluminense em 2018 (IBGE).

A ausência de diversidade de gênero certamente influencia nos resultados da pesquisa, uma vez que a realidade de pessoas transgênero diverge, em muitos aspectos, da cisnormativa.

54%

afirmaram estar trabalhando  
no momento da pesquisa,  
apesar das dificuldades

majoritariamente como  
**profissionais liberais e  
trabalhos informais**

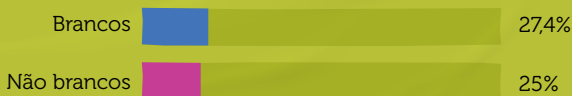
34%



26%

afirmou possuir  
**carteira assinada**

## RAÇA X CARTEIRA ASSINADA

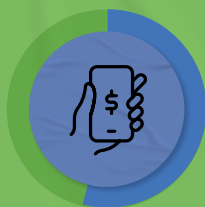


## RAÇA X DESEMPREGO



Com a pandemia, mais da metade das pessoas nas favelas pesquisadas, 54%, perdeu o emprego. Além do impacto econômico, metade afirmou ter sido prejudicado de alguma forma com a pandemia.

Somente após intensa disputa no Congresso Nacional o governo federal aprovou um auxílio emergencial no valor de 600 reais para autônomos, trabalhadores individuais e microempreendedores.



**62%**

das pessoas nas favelas em questão solicitou o auxílio

mas somente metade delas de fato receberam o benefício

**52%**



## CONCLUSÃO

Não é somente enxergando que a maioria dos mortos por covid são negros e pobres que teremos um panorama real sobre os impactos da doença nessas populações. Enfrentamos um sistema de saúde colapsado, somos os mais impactados pelo fechamento dos comércios, dependemos de auxílio emergencial e de todas essas políticas de transferência de renda, também somos nós os expostos às violências policiais e os últimos na fila da vacina.

O estado é violento e ao longo da história nos foi negado o direito de ser humano. A necropolítica está presente na maioria dos indicadores sobre as favelas, no momento também estamos morrendo por Covid-19. Apesar de tudo, **resistimos através de nossas redes de solidariedade.** Não paramos mesmo nos colocando em risco; organizamos arrecadações de alimentos, de itens básicos de higiene, seguimos denunciando violações e monitorando, através de nossas próprias ferramentas, os efeitos do vírus nas favelas.

**Apesar do Estado, seguimos nos reinventando em nossas potências.**



## **SOBRE ESTE RELATÓRIO**

Logo da pesquisa: Ana Moura

Design gráfico: Refinaria Design

Edição: Bruno Sousa

[www.movimentos.org.br](http://www.movimentos.org.br)

 @movimentos\_

 @MovimentosOficial

 movimentos\_

**MOVIMENTOS**  
DROGAS • JUVENTUDE • FAVELA